

## Entre Vistas e Olhares

**Anita Canavarro (Anna Canavarro Benite)**  
fala aos  
**Cadernos de Gênero e Tecnologia**

Lindamir Salete Casagrande  
Lindasc2002@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Nesta edição dos CGT apresentaremos a entrevista com a Química, professora universitária e pesquisadora de gênero e raça Anna Canavarro Benite conhecida pelo nome social Anita Canavarro. Anita é, sem dúvidas, uma mulher que faz diferença. Seu trabalho para a inclusão e respeito às pessoas negras no espaço acadêmico é fundamental para o enfrentamento e diminuição de preconceitos como o racismo, machismo e homofobia e, com isso, buscar a diminuição das desigualdades sociais.

Anita compartilha conosco um pouco de sua história de vida e seu conhecimento. Sua trajetória é de lutas, conquistas e desafios, desafios que não são impostos aos homens e mulheres brancas e, alguns deles não se apresentam aos homens negros. As mulheres negras são as que mais necessitam empregar forças para superar tais obstáculos, uma vez que eles são maiores e mais frequentes, forças estas que poderiam ser destinadas aos estudos e pesquisas. Ser mulher cientista não é uma tarefa simples. Ser mulher negra e cientista é ainda mais difícil, porém, não impossível. Como nos diz Anita “Ser uma cientista é ato de contra hegemonia, é também dizer a outras de nós que venham, que podem.”

Estudos demonstram a importância da representatividade em determinadas áreas de conhecimento para incentivar mulheres, dentre elas, mulheres negras e indígenas, homens negros e indígenas a sonharem e buscarem se inserir nestes espaços. Anita, sem dúvidas, é um destes exemplos que podem estimular muitas meninas/moças/mulheres a ingressar nas carreiras científicas que são sim lugar para elas.

Desejamos a todas e todos que esta leitura seja um momento agradável, estimulador e enriquecedor. Vamos a entrevista.

**CGT** - Anita, nós, as/os editoras/es e leitoras/es dos Cadernos de Gênero e Tecnologia nos sentimos imensamente lisonjeadas, por contar com uma entrevista sua nesta seção temática. Será muito bom conhecer um pouco mais da sua vida e forma de pensar o mundo! Acreditamos que sua história e pensamento serão inspiradores. Para iniciar, gostaríamos que compartilhasse conosco um pouco de sua trajetória familiar, acadêmica e profissional.

**Anita** - Anita Canavarro é nome social. Anna Canavarro Benite, meu nome de registro, nascida na baixada fluminense e como boa filha de Iyatogun forjo a vida em batalhas. Sou Doutora em Ciências tenho palestrado e ministrado cursos há 10 anos sobre descolonização do currículo de ciências em várias universidades e escolas do país. Professora na Universidade Federal de Goiás onde coordeno o coletivo Negro CIATA e ativista da cultura negra brasileira, militante do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado.

**CGT** – Sua formação é em Química. Como foi para você, enquanto mulher e mulher negra, se estabelecer como uma pesquisadora renomada nesta área?

**Anita** - A Ciência não deveria privilegiar gênero ou cor, porém sua versão ensinada nas instituições escolares é uma visão deformada que se remete ao sujeito universal: o homem branco e trata a produção científica das mulheres a partir de lugares subalternos. Não se discute a produção de mulheres em sala de aula, muito menos as influências dessas produções para a sociedade. E quando o recorte é racial não se tem notícias (não que estas não existam) em currículo oficial ou material didático de qualquer mulher negra brasileira, cuja contribuição seja celebrada no mundo acadêmico. Veja o caso de Virgínia Bicudo que tem sua obra negligenciada.

Por outro lado, as mulheres costumam escolher profissões mais próximas de como foram educadas e, assim, mais próximas ao cuidado: professoras, enfermeiras, assistentes sociais ou psicólogas. Todavia, as profissões que tratam da manutenção e preservação da vida, não por acaso, são as menos valorizadas e, portanto, mal pagas refletindo o retrato da invisibilidade feminina no mercado de

trabalho e ainda a expropriação da capacidade laboral feminina, principalmente, a negra.

Mas o que é o mercado de trabalho? É a forma como a população tem acesso à renda, lugar onde se controla o acesso à riqueza, é por isso também um mecanismo de garantia do privilégio branco, pois o sujeito melhor pago é o homem branco e isso não acontece por conta da qualificação destes sujeitos (Werneck, 2016). Ora, segundo o IBGE (2010) cerca de 53% da população brasileira é formada por mulheres em idade ativa, porém menos de 45% dos postos de trabalho são ocupados por elas. Ainda de acordo com o IBGE a proporção de mulheres que completaram a graduação é 25% superior à dos homens. Porém, somente 37% destas mulheres com graduação completa são pretas ou pardas. Esta situação também se reflete nas escolhas das carreiras em Ciências. Ser uma cientista é ato de contra hegemonia, é também dizer a outras de nós que venham, que podem. É enfrentar intermináveis julgamentos de produtividade para habitar entre “os” cientistas.

Eu desenvolvi meu mestrado e doutorado em Química Bioinorgânica Medicinal, uma área em ascensão dentro da produção de conhecimento científico. Trabalhei com modificações de metalo-proteínas em modelagem *in silico*, um objeto de estudo de alta performance. Ao final desses processos de construção um fato me incomodava e muito: os meus estavam em subempregos e a escola não lhes era um lugar muito atrativo. Desde então meu lugar de construção de identidade tem sido a docência. São doze anos que estou na Universidade Federal de Goiás, onze anos trabalhando sob a perspectiva de uma episteme não branca ou europeia nos currículos de Química.

Ser uma cientista é ato de contra hegemonia, é também dizer a outras de nós que venham, que podem. É enfrentar intermináveis julgamentos de produtividade para habitar entre os cientistas.

**CGT** – Como é conciliar os estudos em Química e os estudos feministas?

**CGT** – Seu trabalho no campo do feminismo negro é muito relevante e bonito. Em que momento iniciou sua militância e estudos no campo do feminismo negro?

**Anita** - Vou responder a essas em conjunto.

Bem, o senso comum e até mesmo a academia frequentemente se referem a alguns campos científicos como exatos (por exemplo a física, química e engenharia), a outros como humanos (pedagogia, psicologia, filosofia, letras) e enfim... O que seria dizer que uma ciência é exata? Que ela traz verdades objetivas. Porém a ciência e digo aqui qualquer campo de produção de conhecimento científico é terreno fértil de dúvidas, incertezas e perguntas. A ciência é dinâmica e está em constante experimentação. A ciência é viva e o que pode ser consenso entre a comunidade científica hoje poderá não ser amanhã, são verdades temporárias. A ciência modela o comportamento da natureza na tentativa de compreensão, esses modelos são constructos humanos (pois o cientista o é).

Com a proposta de descolonizar as Ciências por meio da implementação da lei 10.639/03 no ensino de Ciências/Química, em 2009 fundei junto com meu grupo de pesquisa o Coletivo Negro (a) CIATA do Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão – LPEQI – do Instituto de Química da Universidade Federal de Goiás (CIATA-LPEQI/UFG).

O CIATA advoga que uma das primeiras alternativas nessa direção deve ser a inserção, nos cursos de formação de professores de Química e nas disciplinas de Química oferecida aos outros cursos de graduação, de debates e discussões que privilegiem a relação entre a cultura e a educação. Para isso, investimos na descolonização dos currículos de Ciências por meio do deslocamento epistêmico. O Coletivo é uma parceira colaborativa entre a escola de educação básica (professores em formação continuada, estudantes), a Universidade (produção do conhecimento científico por professores em formação inicial, continuada e professores formadores) e a sociedade (movimento social feminista - o Grupo de Mulheres Negras Dandaras no Cerrado) como estratégia de formação inicial e continuada no âmbito da lei no. 10.639/03.

A Química é a Ciência da transformação da matéria e a civilização humana se organizou como tal a partir de processos de transformação, ou seja, não se trata de conciliar os campos de estudo, mas, sobretudo de uma dívida histórica. É preciso tirar da invisibilidade o passado em produção de Ciência e Tecnologia dos nossos ancestrais africanos e da diáspora, pois só assim a escola será um lugar mais atrativo para todas as crianças negras que lá estão. Não sou uma pesquisadora do

feminismo em si, como pesquisadora tenho me interessado por estudos sobre a condição feminina, mas os feminismos negros são pauta de minha construção social. Portanto, articular a docência nessa perspectiva é a proposta do devir, do ser em construção. Esse ser que atua sob a perspectiva do marcador de gênero. As ações de pesquisadora obedecem não só uma lógica do objeto construído (projetos que contemplem a pauta das mulheres negras), mas também a lógica do acolhimento, do reconhecimento, o afeto entre nós, as mulheres que habitam esse universo tão hostil.

**CGT** – Você considera que o chamado feminismo da primeira e segunda onda, deixou à margem a pauta dos movimentos sociais negros, especialmente o das mulheres negras?

Bem precisamos localizar o feminismo segundo estas classificações, por mais que possa ser obvio: a primeira onda do feminismo brasileiro se expressou na luta pelo direito ao voto e por direitos democráticos (direito ao divórcio, educação completa, trabalho, etc.) enfim por direitos políticos, uma luta universal. Já a segunda onda nasce durante o clima do regime militar, inícios dos anos de 1970, período de desvalorização de cidadania e educação e de ascensão do patriarcado, e se caracteriza pela luta por liberação sexual. A segunda onda demarcou uma resistência contra a ditadura militar e, por outro lado, em uma luta contra a hegemonia masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer.

A primeira onda foi organizada por mulheres das classes médias e altas na maioria filhas de políticos ou intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a chance de estudar em outro país. A segunda onda do feminismo, tal como a primeira, promoveu uma perspectiva universalista, portanto não considerava as diferenças. Estas formulações iniciais deram ênfase na opressão comum da mulher, a experiência compartilhada pelo gênero. Porém, focar exclusivamente nas experiências comuns deixou de fora diferenças significantes entre as mulheres, particularmente em termos do recorte racial.

Desta forma estes movimentos desconheciam que “... é a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais

afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder”. (GONZALEZ, 1982, p. 104).

**CGT** – Há quem considere que estamos vivendo a quarta onda do feminismo e ela é encabeçada pelas mulheres latinoamericanas, lésbicas e negras. Você concorda com esta percepção? Se sim, como você percebe o protagonismo das mulheres negras nessa nova onda do feminismo que se configura?

**Anita** - Sim. A quarta onda do feminismo está baseada no princípio da não discriminação de raça, etnia, nacionalidade ou religião referendada pela Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. Ora, quem poderia ser protagonista nesse quadro? Aquelas que representam as especificidades da experiência do Sul global na América Latina. Foram estas mulheres que estiveram em grande maioria a margem do feminismo universalista (o que afirma que as mulheres são um grupo que partilha desejos idênticos e são um grupo homogêneo) quando este se levanta em oposição aos efeitos do militarismo, na resistência da ditadura e aos efeitos destes.

Os feminismos latino-americanos têm suas idiossincrasias e surgem da sua negação e da sua oposição ao avanço neoliberal. Superam a visão distorcida e reducionista a seu respeito: como o de composição por mulheres ignorantes, pobres, não escolarizadas dependentes, etc..

Tal como nos aponta Sueli Carneiro a “importância dessas questões para as populações consideradas descartáveis, como são os negros, e o crescente interesse dos organismos internacionais pelo controle do crescimento dessas populações, levou o movimento de mulheres negras a desenvolver uma perspectiva internacionalista de luta. Essa visão internacionalista está promovendo a diversificação das temáticas, com o desenvolvimento de novos acordos e associações e a ampliação da cooperação interétnica. Cresce entre as mulheres negras a consciência de que o processo de globalização, determinado pela ordem neoliberal que, entre outras coisas, acentua o processo de feminização da pobreza,

coloca a necessidade de articulação e intervenção da sociedade civil a nível mundial.” ( GÉLEDES, 2011)

É neste contexto que crescem as participações de mulheres latino-americanas, lésbicas e negras em fóruns internacionais construindo agendas para povos do terceiro mundo tais como as Conferências Nacionais de Políticas para as Mulheres no Brasil, os Encontros Nacionais de Mulheres na Argentina; os movimentos indígenas e grupos LGBTs no Peru; as Promotoras Legais Populares e a marcha das mulheres negras que colocou mais de 50.000 mulheres em Brasília contra o racismo e pelo bem viver.

**CGT** – Vivemos um momento no qual o conservadorismo ganha força e os direitos das mulheres, conquistados com muita luta, são atacados. Como você vê este momento histórico? Na sua percepção, qual o caminho para minimizarmos os impactos deste ataque conservadorista?

**Anita** - Não nos derrotaram antes, não nos derrotarão agora. Os últimos 15 anos foram de total efervescência e de rupturas profundas nas políticas públicas universalistas voltadas à população brasileira e um avanço num círculo virtuoso, de uma política que sinalizava o reconhecimento do RACISMO e de medidas para sua superação.

Nossas comunidades continuam a sofrer com os índices de desemprego típicos de depressões econômicas, mas que tem alvo específico e direcionado, as minorias étnicas brasileiras, em especial as mulheres negras. O caminho é lutar pela revogação da Reforma Trabalhista e da Lei de Terceirização; pela revogação da PEC 55, que congela os investimentos, e plena implementação do Plano Nacional da Educação; pela Revogação da Reforma do Ensino Médio e a retomada da implementação das leis 10639-03 e 11465-08 que atinge em cheio a escola pública, contra qualquer tipo de intervenção militar. Ainda pela instalação de política pública de combate ao feminicídio e ao extermínio da juventude negra e retirada da PEC da redução da maioridade penal;

**CGT** – As mulheres negras são a maioria dentre as vítimas de feminicídio. Por que você acha que isso acontece?

**Anita** - Sua questão localiza a miséria brasileira que tem gênero, tem cor e tem localização geográfica determinada. Segundo dados do IBGE do Censo de 2010

sobre o mapeamento das famílias da linha de miséria em nosso país, essas são geridas por mulheres negras. Assim quando um corpo negro feminino consegue ter voz ele está representando silenciamentos e interdições. Veja o caso de Marielle, Luana, Dona Domingas, Claudia. Quando a mulher negra resolve falar de sua realidade e identidade ela traz as marcas de sua história, suas vivências que outro sujeito social pode até imitar, mas não pode ter. E a quem interessa a vida dessa mulher?

**CGT** – O que você acha que poderia/deveria ser feito para minimizar o preconceito racial e possibilitar que a população negra seja mais respeitada?

**Anita** - Ser cumprido o código penal uma vez que racismo é crime.

**CGT** – Tem mais algum tema/assunto que você gostaria de abordar?

**Anita** - Gostaria de divulgar nosso trabalho, se possível, por meio do projeto Investiga Menina <https://www.facebook.com/investigamenina/>. O Investiga Menina objetiva apresentar outra episteme possível na e para construção do conhecimento: apresentando trajetórias de produções científicas africanas e da diáspora e discutindo a construção da subalternidade contribuindo para desmistificar as Ciências como uma atividade unicamente masculina, branca e de laboratório. O projeto busca incentivar a escolha por carreiras das exatas e tecnológicas entre meninas negras da escola básica pública.

Quem desenvolve este projeto é o coletivo negro do Instituto de Química denominado CIATA dentre os quais Morgana Abranches, Gustavo Faustino, Geisa Louise, Fernanda Silva, Regina Vargas. Na estrutura organizacional definida para desenvolvimento do plano de ações e metas do Projeto contamos com um Colegiado de Gestão Partilhada composta por membros da comunidade escolar Do Colégio Estadual Sólon Amaral (mães/pais, professoras/es, gestoras/es), a Universidade (o Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão - LPEQI), o Coletivo Negr@ Ciata do Instituto de Química e as/os membras/os de uma ONG feminista negra (Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado) da qual sou integrante. Essa é uma parceria entre a universidade, a educação básica e o movimento social.

Porque o que fazemos é importante:

A escola está em crise e o ensino de ciência hegemônica, europeia, branca e MASCULINA ajuda a reforçar atitudes e crenças inadequadas. Esta crise influencia na visão de Ciência que predomina entre estudantes do Ensino Médio, que é uma visão deformada de uma atividade solitária, realizada apenas por homens brancos, sem menção à importância do papel da comunidade científica na construção do conhecimento (KOSMINSKY E GIORDAN, 2002).

Em meio a isso, temos que os postos de maior prestígio e importância na sociedade são ocupados pelo sujeito universal que, “além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens” (BEAUVOIR, 2009, p.21). Neste contexto, a escola é não somente instituição onde se aprende os saberes científicos validados, mas também lugar onde valores e credos, preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade são compartilhados e reforçados (GOMES, 2003).

Deste modo a escola que recebe a população brasileira, de maioria autodeclarada negra (preta e parda - 50,7%, BRASIL, 2010), desenvolve uma educação dissociada da realidade e da história dessa população negra (JACCOUD E THEODORO, 2005), onde “Livros e professores raramente dialogam com a experiência destes alunos no que diz respeito à sua vivência cotidiana, social e racial” (JACCOUD E THEODORO, 2005,p. 115).

Defendemos a urgência de um currículo escolar em que se reconheça a diversidade étnico-racial para que se questionem os discursos hegemônicos dominantes (SILVA, 2012), uma vez que o papel da escola é afirmar e valorizar as contribuições de negras na construção e formação da sociedade brasileira, possibilitando a construção de uma imagem positiva dessa população (BRASIL, 2004).

## Exemplo da chamada para as atividades:



**Você já pensou em ser cientista?**

**Quantas cientistas negras você conhece?**

**Venha para o Investiga Menina!**

**No dia 28 de abril de 2018, você poderá conhecer as cientistas Sônia Guimarães e a Vera Lúcia Klein:**

A Sônia é a primeira negra brasileira Doutora em Física, título adquirido pela The University Of Manchester Institute Of Science And Technology, e respeitada professora do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA).

Vera Lúcia é doutora e mestra em Ciências Biológicas (Botânica) pela USP. Atualmente é professora da UFG, coordenadora da família Cucurbitaceae Juss., nos projetos: Lista de Espécies da Flora do Brasil e Flora do Brasil 2020

**Realização:**

**Apoio:**

Fonte: Material de divulgação do projeto Investiga Menina

## Fotos do projeto



Foto 1: mesa de debate  
Fonte: projeto Investiga Menina



Foto 2: Em ação  
Fonte: projeto Investiga Menina



Foto 3: preparando o projeto  
Fonte: projeto Investiga Menina



Foto 4: participantes do projeto  
Fonte: projeto Investiga Menina

## NOTAS

<sup>1</sup>WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.3, p. 535-549, 2016.

<sup>2</sup>GONZÁLEZ, Lélia. **O Lugar do negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

<sup>3</sup>GÉLEDES. **Enegrecer o Feminismo:** A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

**Recebido:** 22 set. 2018.

**Aprovado:** 20 out. 2018.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n39.9874

**Como citar:**

CASAGRANDE, Lindamir Salete. Anita Canavarro (Anna Canavarro Benite) fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.13, n. 39, p. 17-32, jan./jun. 2018.

**Correspondência:** Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

